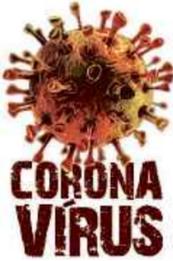


Dois novos estudos demonstram o efeito protetivo da fórmula Pfizer/BioNTech “no mundo real” e a relacionam com queda de até 90% na ocorrência de casos assintomáticos de covid. Resultados indicam, ainda, que o imunizante pode ajudar a diminuir a transmissão do Sars-CoV-2

Efetividade de vacina é reforçada



**CORONA
VÍRUS**

» PALOMA OLIVETO

Dois novos estudos divulgados na revista *Jama*, da Associação Médica Norte-Americana, reforçam a efetividade da vacina da Pfizer/BioNTech no mundo real. Um deles, realizado em Israel com 6.710 profissionais de saúde, demonstrou que os imunizados com duas doses tiveram risco 18 vezes menor de serem infectados pelo vírus da covid. Já a pesquisa dos Estados Unidos, feita em um hospital do Tennessee com 2.776 pessoas, encontrou um risco 4,7 vezes mais elevado de se contrair o vírus entre os não vacinados.

Em linha com a eficácia observada nos ensaios clínicos, de 95%, os dois trabalhos, de equipes independentes, também acrescentam dados menos explorados até agora nas pesquisas que avaliam os resultados da vacinação além dos ensaios clínicos. Trata-se da comparação de casos assintomáticos em pessoas que receberam ou não a vacina. No artigo norte-americano, os pesquisadores do Hospital Pediátrico St. Jude, onde o estudo foi conduzido, observaram que o imunizante reduziu o risco de infecção (com ou sem sintomas) em 96%. Quando eles analisaram apenas as infecções assintomáticas, a probabilidade de se contaminar foi 90% menor entre os imunizados.

“Esse é um dos primeiros estudos a mostrar uma associação entre a vacinação e menos infecções assintomáticas”, diz Diego Hijano, um dos autores do estudo e pesquisador do Departamento de Doenças Infecciosas do St. Jude. “Quando a vacina Pfizer/BioNTech foi autorizada para uso nos Estados Unidos, os dados clínicos sugeriram que o regime de duas doses reduz o risco da doença sintomática, incluindo o risco de hospitalização e morte. Porém não estava claro, até agora, a associação da vacina com a redução da infecção assintomática”, destaca. De acordo com Hijano, embora sejam necessárias mais pesquisas para confirmar o efeito, “há uma grande possibilidade de que a vacinação diminua a transmissão do Sars-CoV-2”.

Durante o estudo, 236 dos 5.217 funcionários incluídos na pesquisa testaram positivos para o coronavírus. Desses, 185 não haviam vacina-

Fethi Belaid/AFP



Após a aplicação da segunda dose, o risco de uma pessoa ser infectada pelo novo coronavírus é 18 vezes menor, mostra pesquisa americana

» Palavra de especialista

Rumo à imunidade coletiva

“Como seria de se esperar de estudos anteriores, a vacina é mais eficaz na prevenção de doenças críticas e morte, e progressivamente menos eficaz na prevenção de resultados menos graves. No entanto, continua altamente efetiva para evitar as infecções assintomáticas. Com os dados de outros estudos que mostram que as pessoas que foram in-

fectadas apesar de terem recebido pelo menos uma dose da vacina eram menos propensas a ser infecciosas, isso é extremamente reconfortante: significa que a vacinação tem o potencial de induzir a imunidade coletiva.”

Peter English, ex-editor da revista *Vaccines in Practice*

do e 51 tinham recebido ao menos uma dose da vacina. Quase metade dos casos positivos, 108, não relatou sintomas durante o teste. Os assintomáticos incluíram 20 participantes que tomaram uma dose e três com resultado positivo em até sete dias após a segunda dose. “Os resultados são um lembrete dos muitos casos ocultos na população, o que torna a contenção do vírus um grande desafio”, afirma, em nota, outro coautor do estudo, Li Tang.

Agravamento

No estudo israelense, pesquisadores do Centro Médico Sourasky de Tel Aviv analisaram dados de 6.710 funcionários — 5.953 (88,7%) receberam pelo menos uma dose, 5.517 (82,2%), duas doses, e os 757 restantes (11,3%) não foram vacinados. Dos trabalhadores do primeiro grupo, 0,5% testou positivo para o Sars-CoV-2, assim como 7,2% dos não vacinados. Apenas oito pessoas totalmente vacinadas,

com as duas doses, foram sintomáticas e 19 apresentaram sintomas da doença. Entre os não vacinados, 38 foram sintomáticos e 17 trabalhadores assintomáticos.

Segundo a equipe, isso mostra que não apenas a vacina é eficaz em evitar a infecção, mas, no caso de contágio, é muito improvável que a pessoa adoça. O estudo constatou que a vacina da Pfizer foi 97% efetiva na prevenção de covid sintomática e 86% no caso das infecções assintomáticas.

“Esses dados confirmam que a vacina de mRNA da Pfizer oferece proteção muito alta contra doenças graves por covid-19 e morte. É importante ressaltar que os estudos mostram que duas doses da vacina aumentam a proteção”, observa Jonathan Ball, professor de virologia molecular da Universidade de Nottingham, no Reino Unido. “É por isso que é importante que as pessoas recebam ambas as doses. Aumentar a imunidade com o reforço da vacina será ainda mais importante com o surgimento de variantes que podem ter adquirido alterações genéticas que as tornam mais resistentes à imunidade gerada pelas vacinas ou após a infecção natural”, completa.

Marco Bertorello/AFP - 30/4/21



Pesquisa é resultado da análise de dados de 280 mil vacinados

nesse estudo são pequenos, e os resultados devem ser interpretados no contexto dos benefícios da vacinação de covid-19 em nível social e individual.”

Em um editorial vinculado, os editores do *BMJ* Rafael Perera e John Fletcher apontam que a covid-19 está associada à trombose venosa cerebral

Soropositivos e adolescentes

Um estudo publicado na revista *New England Journal of Medicine* mostrou que a vacina norte-americana Novavax é 100% eficaz na proteção contra casos graves causados pela variante B.1.351, prevalente na África do Sul durante a pesquisa. O ensaio clínico avaliou a eficácia, a segurança e a imunogenicidade em adultos saudáveis e em uma pequena coorte de adultos clinicamente estáveis que vivem com o vírus da imunodeficiência humana (HIV).

O estudo atingiu seu objetivo primário — ou seja, a vacina Novavax demonstrou uma eficácia geral de 49% na análise inicial e 49% na análise completa subsequente. Entre adultos saudáveis sem HIV, a substância foi 60% e 50% eficaz nas análises inicial e subsequente, respectivamente.

Na análise inicial, os casos eram predominantemente leves a moderados e causados pela variante B.1.351. Na avaliação seguinte, a cepa continuou a dominar, e todas as ocorrências de doença grave observadas no ensaio ocorreram no grupo de placebo, representando 100% de eficácia nesses casos.

“Os dados são um caso convincente para o uso da vacina Novavax Covid-19 em locais onde a variante B.1.351 domina, que é a maior parte da África Austral, para reduzir o risco de doença leve e também para maximizar a oportunidade de proteção contra as formas graves de covid”, disse Shabir Madhi, pesquisador da Universidade de Witwatersrand e líder do estudo. “Mais trabalho é necessário para assegurar a eficácia da Novavax e de todas as outras vacinas contra covid, particularmente em pessoas que vivem com HIV.”

De 12 aos 17

A empresa de biotecnologia norte-americana Moderna anunciou que sua vacina para a covid-19 tem 96% de eficácia em adolescentes de 12 a 17 anos, de acordo com os primeiros resultados de testes clínicos nos Estados Unidos. Dos 3.235 participantes, dois terços receberam a vacina e um terço, um placebo.

O teste mostrou uma “taxa de eficácia de 96% entre os participantes que receberam pelo menos uma injeção”, disse a Moderna, em um relatório para investidores. “As análises incluíram 12 casos (de covid) a partir de 14 dias após a primeira dose”, disse. Os participantes foram observados por 35 dias após a segunda injeção. Como em adultos, os efeitos colaterais mais comuns foram dor no local da injeção, dor de cabeça, fadiga, dores musculares e calafrios.

Risco “ligeiramente maior” de coágulos

Um estudo da Dinamarca e da Noruega publicado na revista *The British Medical Journal* lança mais luz sobre o risco de coágulos sanguíneos raros em adultos que receberam a primeira dose da vacina Oxford/AstraZeneca. Os resultados mostram taxas ligeiramente aumentadas de casos de trombos, incluindo coágulos nas veias do cérebro, em comparação com as taxas esperadas na população em geral. No entanto, os pesquisadores destacam que o risco desses eventos adversos é considerado baixo.

Os pesquisadores compararam as taxas nacionais de coágulos sanguíneos e condições relacionadas após a vacinação usando o imunizante com as da população geral dos dois países. As descobertas são baseadas em 280 mil pessoas



A escolha que quase todos enfrentamos é entre a eventual infecção por Sars-CoV-2 ou a vacinação. A vacina AstraZeneca é claramente uma boa escolha”

Rafael Perera e John Fletcher, editores da revista

com idade entre 18 e 65 anos que receberam a primeira dose na Dinamarca e na Noruega em fevereiro e março.

Na análise principal, os pesquisadores encontraram 59 coágulos sanguíneos venosos, em comparação com os 30 esperados, correspondendo a 11

eventos em excesso por 100 mil vacinações. Isso incluiu uma taxa maior do que a estimada de coágulos sanguíneos nas veias do cérebro, conhecida como trombose venosa cerebral (2,5 eventos por 100 mil vacinações). No entanto, eles não detectaram nenhum aumento na taxa de coágulos arteriais, como ataques cardíacos ou derrames.

Benefícios

Para a maioria dos desfechos restantes, os resultados foram bastante tranquilizadores, com taxas ligeiramente mais altas de eventos menos graves, como trombocitopenia (uma condição relacionada a níveis baixos de plaquetas no sangue), distúrbios de coagulação e sangramento. Segundo os autores, “os riscos absolutos de eventos tromboembólicos venosos descritos

afirmam que a vacinação continua sendo a opção mais segura. “A escolha que quase todos enfrentamos é entre a eventual infecção por Sars-CoV-2 ou a vacinação. A vacina AstraZeneca é claramente uma boa escolha, apesar dos prováveis riscos relatados nesse estudo”, escrevem. (PO)